



A inocência em matizes gris: a abordagem do Correio Braziliense sobre o abuso sexual infanto-juvenil¹

Aldenora Moraes de Oliveira PAULA²

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Nosso objetivo é analisar as matrizes discursivas sobre o abuso sexual infanto-juvenil presentes na cobertura do jornal diário Correio Braziliense. A partir da premissa de que as notícias são uma construção social, investigamos as representações sociais acerca do tema no espaço público midiático, bem como o papel do imaginário na produção dos sentidos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. Neste trabalho, concentramo-nos em uma chamada de capa e uma reportagem sobre o assunto. Por meio da Análise de Discurso de vertente francesa destacamos as matrizes encontradas referentes à representação do abusador sexual, o anseio da sociedade em se obter uma justificativa para a violência e a necessidade de se encontrar um culpado. Constata-se que a imprensa necessita ampliar a discussão sobre o tema e aprofundar sua cobertura.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; abuso sexual infanto-juvenil; representação social; análise de discurso francesa; imaginário.

A concepção deste artigo parte dos questionamentos acerca da cobertura jornalística da pauta social realizada no Brasil. Vários pesquisadores têm enfatizado o caráter superficial da maioria das abordagens realizadas (SILVA e MOTA, 2002; VIVARTA, 2003). Tais estudos tendem a atribuir à imprensa a responsabilidade de desempenhar com eficiência o papel que lhe cabe no processo de construção de uma sociedade menos vulnerável às injustiças sociais. De acordo com Luiz Martins da Silva:

A imprensa é um poder auxiliar do cidadão (...) pode muito bem viver descolada da cidadania, servindo a um ou a vários senhores. Poderá até renunciar ao seu papel de quarto poder. Será, no entanto, apenas um negócio, descolado das suas funções social e pública. (2002, p. 50).

Contudo, o poderio midiático é contestado por estudiosos que enfatizam a complexidade dessa afirmação. Compreendemos que o fazer jornalístico é condicionado por fatores como as pressões cotidianas, a escassez do tempo, a audiência, a hierarquia no trabalho, os interesses mercadológicos. Mas reconhecemos que possui uma autonomia relativa.

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Jornalismo. Licenciada em Letras. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UCB. Email: aldenora-moraes@uol.com.br.



Neste artigo, partimos da premissa de que os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade. Para Mauro Wolf (2005, p. 137), dentre as novas tendências dos estudos sobre comunicação, as pesquisas mais complexas e significativas têm sido as que abordam o problema de como a mídia contribui para a construção social da realidade.

De acordo com Dominique Maingueneau (2004, p. 9), uma das características essenciais da pesquisa atual sobre a linguagem é a emergência de trabalhos que, em vez de reduzirem a linguagem ao arbitrário de suas unidades e de suas regras, abordam o enunciado como discurso.

Eni Orlandi (2010, p. 15) enfatiza que a análise de discurso procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Sendo assim, o termo discurso tem um sentido mais amplo do que o comumente utilizado. Na definição de Orlandi:

Lugares provisórios de junção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é discurso, isto é o ritual da palavra. Mesmo o das que não se dizem.” (ORLANDI, 2010, p. 10).

Como esta investigação tem como um dos objetivos analisar as representações acerca do abuso sexual infanto-juvenil presentes no espaço midiático trabalhamos com o conceito das representações sociais proposta por Denise Jodelet:

é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. (2001, p. 22).

Ressaltamos, entretanto, que é vista como um objeto de estudo legítimo, devido à sua importância na vida social e à elucidação dos processos cognitivos e das interações sociais.

Do mesmo modo, as teorias do imaginário permitem-nos compreender como as produções imaginárias constituem respostas a fenômenos diante dos desequilíbrios e tensões no interior das estruturas sociais. Para Castoriadis (1986, p. 142), as instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica.

De acordo com Pesavento (1995, p. 15) “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”.



No caso desse artigo, concentrar-nos-emos nas imagens presentes no discurso perpetrado pelo Correio Braziliense, no intuito de levantarmos quais são as principais matrizes discursivas presentes, para, em seguida, procedermos às suas análises do ponto de vista da AD francesa, concentrando-nos, portanto, na articulação entre os arranjos formais da linguagem concomitante às questões sócio-históricas que ela suscita.

Antes, todavia, consideramos importante apresentar brevemente o impresso estudado. Devido à quantidade de veículos impressos disponíveis em Brasília, optamos pelo jornal de formato standard Correio Braziliense pela sua relevância na mídia impressa no Centro-Oeste.

A marca Correio Braziliense foi resgatada por Assis Chateaubriand e relançada na inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. Na contemporaneidade, dados da auditoria realizada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) asseguram que o jornal, de janeiro a dezembro de 2010, manteve circulação média de 57,29 mil exemplares de segunda a domingo, o que o torna o veículo impresso com maior cobertura no Distrito Federal.

Além disso, 69% dos leitores pertence às classes A e B, o Correio mantém uma participação no mercado de 86% de circulação no DF, entre os jornais considerados *premium*: Folha de São Paulo, O Globo e o Estado de São Paulo e de 48% de participação no mercado como um todo.

Outro fator relevante foi a posição do Correio Braziliense em uma pesquisa sobre a cobertura jornalística do abuso e exploração sexual. O jornal alcançou a terceira posição entre os 49 veículos de maior circulação no Brasil, que foram analisados. Esse resultado impulsionou-nos a pesquisar como um jornal reconhecido nacionalmente abordava especificamente este fenômeno social.

Esse estudo especial foi realizado de janeiro de 2000 a junho de 2001 pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)³, em parceria com o Instituto

³ Criada em 1992 pelos jornalistas Âmbar de Barros e Gilberto Dimenstein é uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos com sede em Brasília, cuja missão é contribuir para o aprimoramento da qualidade da informação pública em torno de temas considerados decisivos para a promoção dos direitos da infância e a da adolescência.



World Childhood Foundation (WCF – Brasil)⁴ e o Instituto Ayrton Senna (IAS)⁵, com o apoio da Fundación Arcor⁶ e da United Nations Children's Fund (Unicef)⁷.

A grande incidência de casos intrafamiliares, a dificuldade na obtenção de indicadores sociais capazes de estimar a incidência precisa dos abusos na sociedade, a espetacularização do assunto, a propagação dos crimes cibernéticos (SANDERSON, 2005; FALEIROS, 2001) despertaram-nos para a relevância desse tema.

Em se tratando de sexualidade, a simples menção ao tema produz inquietação. No célebre, *A história da sexualidade – A vontade de saber*, Michel Foucault investiga a hipótese sobre a repressão discursiva da sexualidade:

o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. (2006, p. 18).

À medida que enveredamos pelo universo do abuso sexual, percebemos o quanto o assunto provoca melindres, tais como asco ou a incapacidade das pessoas em discuti-lo. Tais dificuldades não nos desanimaram, ao contrário, o dinamismo dos conceitos e classificações, os deslizamentos contextuais e históricos passaram a ser encarados como um estímulo para a implementação da pesquisa. Cabe ressaltar que tratar de violência e sexualidade, principalmente, quando os vitimizados⁸ são crianças e adolescentes tem provocado, no âmbito acadêmico, as mais curiosas manifestações, desde a repulsa à comoção.

Tal postura evidencia a aversão da sociedade em relação ao agressor sexual. Essa questão foi discutida por Foucault na obra *Os Anormais*⁹, em que o autor apresenta

⁴ Organização criada em 1999, pela Rainha Sílvia, da Suécia, para defender os direitos da infância e promover melhores condições de vida para crianças em situação de vulnerabilidade em todo o mundo. Além do Brasil, a Childhood também possui escritórios na Suécia, Estados Unidos e Alemanha, tendo apoiado mais de 500 projetos em 16 países. Disponível em: <http://www.childhood.org.br/quem-somos>. Acesso em 1º jun. 2011.

⁵ Concretização do sonho do tricampeão de Fórmula 1. Atua desde 1994, desenvolve e dissemina programas em todo o Brasil e realiza ações para mobilizar a sociedade em torno da causa infanto-juvenil. (VIVARTA, 2003, p. 158).

⁶ Es una entidad sin fines de lucro, que fue creada en diciembre de 1991 por el Grupo ARCOR como expresión del compromiso y la responsabilidad social heredada de los fundadores de la empresa para contribuir de manera orgánica y corporativa al tratamiento y solución de necesidades de los sectores más vulnerados de la población. Disponível em: www.fundacionarcor.org/esp_quienes.asp. Acesso em 1º jun. 2011.

⁷ Órgão permanente do sistema das Nações Unidas. Desenvolve diversos programas de apoio a cerca de 400 instituições – governamentais e não-governamentais – que trabalham para a promoção, a proteção e a garantia igual e universal dos direitos das crianças e dos adolescentes. (VIVARTA, 2003, p. 158).

⁸ Termo defendido por Faleiros: “Usamos a expressão vitimizado ao invés [sic] de vítima por reconhecer no sujeito capacidade de compreensão e reação de uma ou outra forma. Trata-se de um sujeito vitimizado e não de um objeto-vítima”. (2001, p. 10).

⁹ Foucault foi admitido no Collège de France em 1970, sucedendo Jean Hyppolite na cátedra então recém-criada de História dos Sistemas de Pensamento. A principal atribuição de um professor desta instituição aberta de ensino era

as três figuras que constituem o terreno do discurso sobre o anormal: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora. Segundo o autor:

o monstro humano é aquele que constitui (...) em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele combina o impossível com o proibido e, durante boa parte do medievo, serve como o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias. Mesmo sendo o princípio de inteligibilidade de todas as formas da anomalia, o monstro é, em si, ininteligível. (2001, p. 69 e 71 citado por ALMEIDA, 2006, p. 363).

Como o conceito de abuso sexual inclui uma gama de fatores de natureza social e cultural, há dificuldade de se conceituar essa expressão. Para esta pesquisa será considerada a definição da socióloga Marlene Vaz, que distingue as categorias de violência sexual – abuso e exploração sexual (crianças e adolescentes prostituídos) – porque as causas, a abordagem e o tipo de atendimento se diferenciam nos dois casos:

Abuso sexual – situação em que o adulto submete a criança ou o adolescente, com ou sem seu consentimento, a atos ou jogos sexuais com a finalidade de estimular-se ou satisfazer-se, impondo-se pela força física, pela ameaça ou pela sedução, com palavras ou com a oferta de presentes.

Exploração sexual – ato ou jogo sexual em que a criança ou o adolescente é utilizado para fins comerciais por meio de relação sexual, indução à participação em shows eróticos, fotografias, filmes pornográficos e prostituição. (VIVARTA, 2003, p. 27).

Ressaltamos que este tema não é uma preocupação apenas contemporânea. Segundo a historiadora Mary del Priore (2011, p. 152), a violência sexual contra crianças e adolescentes não é recente. Desde as primeiras visitas do Santo Ofício ao Brasil, no século XVI, inquisidores assinalavam o estupro de crianças. Entretanto, foram necessários vários séculos até que, em meados dos anos 1980, com a publicação da Carta Magna, crianças e adolescentes fossem reconhecidos como sujeitos plenos de direitos no Brasil.

Embora cientes de que o abuso sexual infanto-juvenil não se limite a fronteiras nacionais e que existem inúmeras variáveis que contribuem para a complexidade do assunto, não pretendemos abordá-las, até mesmo porque isso seria impossível no âmbito de um artigo. Nossa reflexão restringi-se à mídia brasileira, mais especificamente, à análise das representações sobre o tema presentes no Correio Braziliense.

É importante ressaltarmos que outra fonte de dificuldades para os pesquisadores desse tema tem sido a ausência de estatísticas precisas sobre o assunto. Com o intuito de minimizar esse problema, utilizamos estudos que proporcionam uma dimensão do



fenômeno no Brasil, como os registros do Serviço Disque Denúncia Nacional (Disque 100)¹⁰.

De acordo com os relatórios divulgados pelo órgão, em 18 de maio de 2011¹¹, de janeiro a março, o Disque 100 contabilizou 4.205 registros de violência sexual. Em 2010, foram mais de 12 mil registros. A média diária de denúncias aumentou de 84, em 2010, para 103 nos três primeiros meses de 2011.

É importante ressaltar que esse número pode ser ainda maior, já que segundo os especialistas (SANDERSON, 2005, XIX), somente 10% dos casos de abuso sexual infantil chegam aos tribunais, por exemplo.

Alguns dados preliminares

Este artigo integra uma pesquisa mais extensa que abrange uma dissertação de mestrado. Nosso corpus contempla todas as edições do Correio Braziliense de 1º de janeiro a 30 de junho de 2010, período em que foi realizado um monitoramento diário do veículo.

Inicialmente, elegemos um corpus que contemplasse somente as edições do veículo de 1º de janeiro a 30 de março de 2010. Contudo, ao término desse período, percebemos que a publicação crescente de notícias sobre o tema poderia ser evidenciada, caso ampliássemos o monitoramento diário. Sendo assim, a pesquisa foi ampliada a fim de comprovar que o volume de notícias era motivado apenas pela cobertura de alguns episódios com maior repercussão no período.

Diante do volume de textos jornalísticos abordando o abuso sexual infanto-juvenil, decidimos fazer um recorte que compreende três fases. A primeira reúne todos os textos que fazem menção ao abuso sexual infanto-juvenil. Esta análise preliminar dos dados buscou identificar a frequência do tema no Correio Braziliense.

De acordo com os dados já tabulados, que compreendem os textos jornalísticos de 1º de janeiro a 13 de abril, foram identificados 101 textos jornalísticos, dentre os quais quatro são referentes às chamadas de capas que fizeram referência ao abuso

¹⁰ O serviço é coordenado pelo Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes que faz parte da Secretaria de Direitos Humanos (SEDH) do Governo Federal. O Disque-denúncia recebe, encaminha e monitora as denúncias de violência. Sua implementação conta com a parceria da Petrobrás e do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria). O Disque 100 funciona diariamente das 8h às 22h, inclusive nos fins de semana e feriados. A ligação é grátis. Também é possível encaminhar denúncias pelo e-mail disquedenuncia@sedh.gov.br.

¹¹ Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A data refere-se ao dia do assassinato da menina de oito anos, Aracelli Cabrera Sanches Crespo, em Vitória, em 1973. A criança foi brutalmente violentada, torturada e morta. Os suspeitos do crime pertencentes a duas famílias abastadas do Espírito Santo foram absolvidos.



sexual. Do montante reunido, 35 textos foram descartados por fazerem apenas menção ao abuso sexual.

Grande parte dos textos refletia as especulações dos jornalistas, editores e leitores sobre o caso dos rapazes desaparecidos de Luziânia. Contudo, neste período, o abuso sexual não passava de uma hipótese, que foi posteriormente comprovada. Este crime será analisado com detalhes neste trabalho.

A segunda fase especificou as categorias que poderiam ser consideradas para a investigação possibilitando um panorama da abordagem do Correio Braziliense acerca do abuso sexual infanto-juvenil, mas já diminuindo desta forma o volume do corpus textual. A análise de alguns desses dados já evidencia certas características dos textos sobre o tema, além de possibilitar uma análise morfológica¹² do jornal.

Tornou-se evidente a preponderância do gênero informativo em relação ao gênero opinativo. Até o momento, foram encontrados 47 textos informativos e 19 textos opinativos.

Ressaltamos, entretanto, que os textos opinativos serão excluídos da análise de discurso a ser realizada, uma vez que retratam a opinião pessoal de seus autores: colonistas, leitores, ou articulistas.

Foram encontrados oito formatos de texto jornalístico. Contudo, a investigação revela a prevalência da publicação de notas e notícias. Os outros formatos encontrados são: carta dos leitores, crônicas, editoriais, artigos, chamadas de capa, colunas e reportagens.

Ressaltamos, entretanto, que os textos opinativos serão excluídos da análise de discurso a ser realizada, uma vez que retratam a opinião pessoal de seus autores: colonistas, leitores, ou articulistas.

Em relação às editoriais, os resultados têm indicado que as matérias sobre violência sexual contra crianças e adolescentes são mais publicadas no Primeiro Caderno, editoria Mundo e no caderno Cidades. Contudo, ao analisarmos as matérias, percebemos que, a maioria das notas publicadas na editoria Mundo refere-se ao escândalo dos abusos sexuais ocorridos em instituições religiosas em diversas partes do planeta.

¹² “A morfologia de um jornal pode ser definida através da comparação entre os elementos utilizados na sua composição gráfica, ou seja, títulos, ilustrações e texto” (MELO, 1972, p. 100).



A editoria de cidade ou geral é “a clínica geral da redação. Ali se aborda todos os assuntos.”¹³ Tudo que não for de uma editoria especializada e ocorrer na cidade em que se edita o veículo de comunicação vai para a editoria de cidade. Desse modo, a notícia policial, como a que aborda o abuso sexual infanto-juvenil, não raras vezes é veiculada nesta editoria.

A terceira fase da pesquisa compreenderá a análise de discurso dos textos selecionados.

De acordo com Collaro (2000, p. 16), a competitividade entre os jornais impressos fez com que a preocupação com o visual seja uma prioridade nas empresas. A forma de dispor a matéria em um jornal do tipo standard pode facilitar ou dificultar a leitura, e conseqüentemente, valorizar o aspecto visual do veículo.

Marques de Melo (1972, p. 100) utiliza a expressão morfologia de um jornal para referir-se aos elementos utilizados na sua composição gráfica, ou seja, títulos, ilustrações e texto. Segundo o pesquisador,

Combinando o texto (núcleo do interesse do leitor) com os títulos, o jornal contemporâneo adquire uma forma dotada de atrativos visuais que chamam e/ou prendem a atenção do leitor, conduzindo-o à sua escolha entre as demais publicações disponíveis nas bancas. Por outro lado, verifica-se uma complementação dessa estrutura motivacional com a inserção de ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos), no sentido de transmitir ao consumidor das informações uma sensação de realidade, fornecendo-lhe imagens vivas dos fatos, aproximando-o, portanto, dos acontecimentos (MELO, 1972, p. 100).

Representação do abuso na mídia

A seguir, separamos uma chamada de capa e uma reportagem, publicadas em 12 de abril de 2010, para evidenciar as matrizes discursivas encontradas efetuando-se uma posterior análise das mesmas, em uma tentativa de indicar a maneira como o veículo aborda o tema da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Os textos selecionados referem-se ao dia em que foi encontrado o assassino dos seis jovens desaparecidos em Luziânia. O Correio Braziliense estampou sete páginas sobre o assunto.

O primeiro jovem desaparecido foi Diego Alves Rodrigues, de 13 anos, no dia 30 de dezembro de 2009. O pedreiro Admar de Jesus, de 40 anos, estuprou e assassinou o rapaz, sete dias depois de ter recebido o benefício da progressão de pena e saído do Complexo Penitenciário da Papuda, em Brasília, onde estava preso, desde 2005, por ter violentado dois meninos de 8 e 11 anos.

¹³ LUSTOSA, Elcias. O texto da notícia. Brasília: Universidade de Brasília, 1996. p. 141.

A seguir foram violentados e mortos a pauladas entre os dias 4 e 23 de janeiro de 2010: Paulo Victor Vieira de Lima, de 16 anos, George Rabelo dos Santos, de 17 anos, Divino Luiz Lopes da Silva, de 16 anos, Flávio Augusto dos Santos, de 14 anos e Márcio Luiz de Souza Lopes, de 19 anos. Admar foi preso no dia 12 de abril e suicidou-se na cela seis dias depois.

Começamos a análise pela chamada de capa (figura 1), que estampa sobre um fundo preto o close do rosto de Admar de Jesus. A escolha tipográfica exibida em caixa alta e a cor branca contrastam com o fundo escolhido. No alto da página a chamada dá indícios da posição escolhida pelo veículo: A face do mal. O tema ocupa cerca de 80% da primeira página.

A foto do assassino é acompanhada por um texto-legenda que resume sua biografia e os crimes cometidos. Para Lustosa (1996, p. 158), o texto-legenda somente é produzido a partir de um fato expressivo. Abaixo, duas fotos com legendas: a dos familiares das vítimas, aos prantos, e uma que retrata a remoção dos corpos das covas rasas onde foram enterrados.

No centro da página, um olho, recurso que permite o destaque de um pequeno trecho do texto jornalístico, enfatiza o questionamento do Ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto: Como pode um rapaz preso por pedofilia sair da cadeia sem acompanhamento psicossocial?

Desse modo, ao colocar em evidência a frase interrogativa do Ministro, o Correio Braziliense opta pela fala de um especialista de renome e incita o questionamento. Por que Admar de Jesus foi solto? Contudo, a mera questão não corresponde à complexidade desse fenômeno social.

Para compreendermos o porquê de um assassino estar solto, seria necessário examinar as leis que regem o sistema penal brasileiro, por quem são criadas ou reformuladas, para quem as leis realmente existem, qual a situação do sistema penitenciário brasileiro e do acompanhamento e ressocialização desses indivíduos. Entretanto, nada disso é feito pela reportagem, que prefere indicar uma possível falha cometida pela autoridade que autorizou a liberação do abusador.



Figura 1 - Fac-símile da capa do Correio Braziliense em 12 de abril de 2010.

Especialistas (VIVARTA, 2003) alertam para o fato de que a cobertura jornalística sobre abuso sexual deve ser discutida de modo mais amplo. O trabalho da mídia pode ajudar no alerta à sociedade, na cobrança às autoridades, no esclarecimento

da questão como fenômeno psicológico e social, na exposição das redes criminosas e clandestinas que atuam de forma cada vez mais sofisticada, na divulgação de projetos e serviços de atendimento a crianças, adolescentes, suas famílias e aos próprios agressores.

A partir da análise do conjunto de elementos que compõem a chamada de capa, percebe-se que a estratégia discursiva utilizada pelo Correio Braziliense é o sensacionalismo.

Nos termos de Ciro Marcondes Filho:

O jornal deve vender-se pela sua aparência. O que vai diferenciar um jornal dito “sensacionalista” de outro dito “sério” é somente o grau. (...) O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. Fabrica uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma (1989, p. 66-67).

A reportagem divulgada na página 28 (figura 2) é assinada por dois jornalistas. Uma das matrizes discursivas encontradas no texto é a preocupação em retratar o abusador sexual. O senso comum ainda alia a imagem do agressor a um indivíduo que amedronta e que age de maneira indiscreta. Contudo, nem todos os abusadores agem de maneira explícita. Nos termos de Sanderson:

Os pedófilos possuem um amplo leque de características, incluindo o espectro do comportamento “normal”. Realmente, o fato de eles parecerem pessoas normais e assim se comportarem cria um laço de confiança em adultos e de segurança nas crianças. Por não parecerem esquisitos, diferentes ou estranhos, ou por não se comportarem de maneira suspeita e anormal, fica mais difícil identificá-los (2005, p. 56).

O discurso veiculado pelo Correio Braziliense evidencia essa incompreensão quanto às atitudes de Admar de Jesus. No texto-legenda da primeira página temos: “Frio e violento, para a polícia. Segundo os vizinhos, solitário e religioso – frequentava cultos em uma igreja”. Na matéria: “Segundo os vizinhos, o assassino confesso era uma pessoa reclusa, que quase não saía de casa. Tanto que algumas pessoas que moravam na mesma rua nem sabiam quem ele era”. Em outro momento, uma vizinha dispara: “Se ele não tivesse confessado, não acreditaríamos”.

Outra matriz evidenciada é a tentativa de se obter uma justificativa para a violência. Para tanto, discute-se a possível patologia do agressor sexual. O abusador é sempre alguém que não é saudável psicologicamente, mas isso é diferente de ser um louco.

Esse é um mito perigoso, pois demoniza o abusador sexual e remove dele a responsabilidade pelo abuso. A maioria dos abusadores sexuais é uma pessoa “normal”. Acredita-se que apenas uma pequena porcentagem sofra de doenças mentais, e, dessa forma, não são loucos. Uma porcentagem muito pequena deles

parece ser triste ou solitário graças à inadequação ou a dificuldades para se relacionar socialmente. Eles são considerados “maus” quanto ao comportamento sexual, mas não se apresentam como pessoas ruins. Pelo contrário, passam a ideia de serem “pessoas muito gentis e boas”, bem conhecidas tanto dos adultos quanto das crianças (SANDERSON, 2005, p. xviii).

No texto analisado, percebemos que, diante da urgência para se encontrar uma definição, surgem diversos termos e expressões para se referir ao criminoso. Na reportagem, evidencia-se a seguinte cadeia sónica: maníaco sexual, psicopata, assassinos em série e serial killer.

Interessante notar que mesmo com o caso solucionado, o imaginário da população continuou atuante. Para o agente administrativo, Dídimo Rocha, de 66 anos, havia algo a mais: “Desconfio que o pagaram para cometer esses crimes, para vender os órgãos ou coisa assim. Esses crimes são horrorosos”. O imaginário social faz parte de uma estrutura de valores, normas, símbolos historicamente constituída. Ressalte-se que os crimes descritos são muito difundidos pela internet e já fazem parte do imaginário da sociedade contemporânea.

A terceira matriz discursiva presente no texto analisado é a busca por um culpado. No caso de já terem encontrado o agressor sexual, busca-se quem é responsável por ele ter dado continuidade aos crimes. O texto destaca expressões como “o homem que se diz assassino foi condenado há 14 anos por abuso sexual de menores, entretanto, perambulava solto depois de cumprir apenas quatro anos de reclusão”.

O uso do verbo perambular é significativo. A Análise de Discurso indica que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. Desse modo, a escolha por este vocábulo salienta a ideia de que o agressor sexual vagava livremente por Luziânia. O próprio título da reportagem “População reclama da polícia” indica essa preocupação. Segundo Orlandi, as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós. (2010, p. 20).

A matéria ainda conta com um box “Povo fala” cuja pergunta é: Um preso com diagnóstico de psicopatia deve ser solto ao alcançar os pré-requisitos para a progressão da pena? As respostas evidenciam a revolta da população de Luziânia quanto à ineficiência das leis. Alguns moradores afirmam que o juiz responsável pela soltura de Admar deveria ser preso, outros julgam que a lei está errada.

A análise demonstra que ainda há muito a ser feito para que a cobertura sobre o abuso sexual infanto-juvenil seja eficiente e não se restrinja a casos isolados. O tema precisa ser discutido de maneira responsável.



28 • Cidades • Recife, segunda-feira, 12 de abril de 2010 • CORREIO BRAZILIENSE

CRIME EM LUZIÂNIA

Revolta e surpresa na cidade

Vizinhos do pedreiro Admar de Jesus ficaram chocados com a revelação de que ele teria matado os seis jovens. Assassino é descrito como uma pessoa reclusa, pacata e que participava de cultos em uma igreja no Parque Estrela Dalva 4

•MÁRCIA NEBI

Moradores chocados e com medo. Os vizinhos de Admar de Jesus, 48 anos, o pedreiro que teria condenado à polícia ser o assassino dos seis jovens de Luziânia, vieram um domingão de expectativa. Revoltados, a população atendeu dentro a casa onde Admar mora com a irmã, o cunhado e dois sobrinhos, desde que saiu da prisão, em dezembro de 2009, na Rua 29, da Quadra R1, Lote 15, do Parque Estrela Dalva 4. A casa é muito simples, construída nos fundos do lote.

A população que vive próxima à casa está chocada com a conduta dos assassinos contestados pelo pedreiro. Segundo os vizinhos, o assassino confesso era uma pessoa reclusa, que quase não saía de casa. Tanto que algumas pessoas que moravam na mesma rua nem sabiam quem ele era. É o caso da enfermeira Lucília Moreira da Silva, 32 anos, que trabalha no Hospital Regional de Luziânia. "Morou nessa rua há 10 anos e nunca vi o Admar. Talvez tenha passado por ele uma vez ou outra, mas não saberia nem sequer descrevê-lo."

Segundo Lucília, a Rua 29 é tranquila e na casa da família de Admar quase não se vê movimentação. Os parentes dele são pacatos e não frequentam a residência de outros vizinhos. "São pessoas sérias de qualquer idade."

A apresentada Rosa da Silva Araújo, 50 anos, é vizinha e amiga da irmã de Admar há 10 anos. Segundo ela, antes de ser preso em Brasília, Admar já morava com a irmã na Rua 29 e nunca levantou qualquer suspeita. "Nunca poderia imaginar que seria capaz de matar alguém. Era um rapaz calmo e eu nunca o vi alterado, lá de casa para o serviço e do serviço para casa."



Por ser homem e estar dentro da faixa etária das vítimas, eu ficava preocupado de sair à noite. Até adulto tinha medo, porque não sabia quem era o sequestrador.

Wellington Carvalho, Garçom e estudante



A casa onde o pedreiro Admar morava com a irmã e o cunhado, no Parque Estrela Dalva. Ele quase não deixava o local, segundo relato dos vizinhos

Análise da notícia

Solução sem fim

•SÉRGIO MAGGIO

Após de 101 dias, o país acompanha a dar do sumiço inexplicável de seis adolescentes que viviam numa região marginal do Distrito do L8: O Brasil parou para acompanhar a partir da despesa das mães, o caso que, inicialmente, era tratado, com evidente humanidade pela polícia local, até se nacionalizar como um escândalo que controla uma terrível mensagem à sociedade brasileira: a vida em favelas não possui, quase nada. Essa largueza nas investigações não deu tempo, talvez, de poupar a vida de Márcio Luis de Souza Lopes, o ajudante de serviços, que desapareceu em 29 de janeiro, quando o caso já estava estampado na mídia nacional. Houve

necessidade de que as mães e moradores do espalhado Parque Estrela Dalva se organizassem a Esplanada das Mães/Grávidas para pedir ajuda federal, que só aconteceu 40 dias depois que Diego Alves Rodrigues, de 18 anos, sumiu sem explicações. Agora, diante da suspeita do ulgão ser um maricão, os pais, a polícia sob o caso crime surge como uma agonia. Surpreendentemente, o homem que se ali assassinou foi condenado há 14 anos por abuso sexual de menores, entretanto, para melhorar a vida depois de cumprir apenas quatro anos de reclusão. Sem uma legislação clara, não tem sistema especial para monitorar os psicopatas, o fim deste caso implicou a falta de uma legislação de segurança, imprecisão e fragilidade. As mães e entretanto seus filhos e famílias ficaram com uma pergunta: não há na cabeça? Quantos "assassinos em série", com histórico de psicopatia, foram das cidades como se fossem condições reais de reabilitação?

Luziânia

- Distante 60 quilômetros de Brasília, o município possui 110 mil habitantes
- É uma das cidades mais violentas do Estado do DF
- Regista o maior índice de homicídios na Administração (AM) da Região Centro-Oeste e o 2º em todo o país, comparado ao de 267 municípios com mais de 100 mil habitantes
- Na cidade plana, em cada quarteirão há cerca de 12 a 18 casas, 5,4 moradores em média
- Apenas 10% dos homicídios e crimes registrados são resolvidos pelo município de janeiro de 2009 a fevereiro de 2010 "sem participação pela polícia"
- Dos 94 desaparecidos registrados, em 2010 no estado de Goiás, 56 aconteceram na cidade

O povo fala

- Um preso com diagnóstico de psicopatia deve ser solto ou alugar os pré-requisitos para a progressão da pena?**
- Edson José Gonçalves, 43 anos, bancário**
"Deviam prender o preso que solto psicopata. Alguns que põem um balcão de crimes sociais e de psicopata não pode ser deixado à solta."
 - José Eduardo Machado, 47 anos, servidor público**
"Como que podem soltar quem é psicopata? A lei está aí para ser usada na sociedade. Alguns não podem de viver aqui fora. Tem que estudar a lei."
 - Júlio Aguiar, 30 anos, corretor**
"Se que a lei permite, mas é a está ultrapassada. Deviamos multá-la, pois uma pessoa como esta não poderia ser solta."
 - Rafaela Meireles, 23 anos, bancária**
"Só um psicopata deveria ser a última pessoa a ser solta. Não se deve soltar a pessoa que não sabe da sua vida."

Por algumas vezes ele nos acompanhava, eu e irmã dele, nos cultos que frequentávamos na Igreja Universal do Parque Estrela Dalva 4", revela.

Rosa Araújo também relembra que a irmã do pedreiro já era sequestrada do comportamento de Admar em casa. "Ele bebia pouco, sempre em casa, e nunca saía de casa. Era muito calmo e não tinha nada de brigas com a irmã, o cunhado ou os sobrinhos", relembra. Rosa afirma também que não sabe se o pedreiro já foi casado e que nunca o viu com namorada. Ele andava sempre armado, carregando uma arma nas costas, e costumava entrar na casa de sua irmã e família, era realmente

atual caseiro. "Nunca ouvi discussões ou recebendo pessoas em casa. Eu não acredito até agora que ele foi capaz disso tudo", afirma Rosa.

Drogas e violência

Vizinhos contam que o Parque Estrela Dalva 4 tem problemas de violência como qualquer outro loteamento de Luziânia que é considerada uma cidade violenta. Alguns relatam que a situação em relação a tráfico de drogas e outros dizem que durante o dia, o local é pacato. Mas à noite é perigoso andar nas ruas por conta de assaltos.

O aposentado Tito Manoel Cotrim, 66 anos, conhece a família de Admar há cerca de uma década. É os filhos com trabalhos e homens. "A irmã e o cunhado, que também é pedreiro, são pessoas batalhadoras. Pelo que sabemos ela ajudava na renda da família fazendo faxina em Brasília. Me parece que Admar estava trabalhando com o cunhado em alguma obra. Não posso falar de Admar porque não o conheço". O aposentado afirma que o pedreiro estava preso no ano passado, mas não desconfiava do motivo. "Depois que voltou a morar aqui quase não saía na rua."

População reclama da polícia



Rosa Maria sempre achou que sempre tivesse relação com polícia

Luziânia acordou ontem sob o clima de estancamento. A revelação de que os seis desaparecidos pelo ex-sequestrador Admar de Jesus, 48 anos, provocou revolta entre os moradores da cidade de pouco mais de 210 mil habitantes. Eles reclamaram da demora da polícia em descobrir o caso e da negligência da polícia ao colocar em liberdade um psicopata tão perigoso e condenado por crime sexual. Mas a população também não esqueceu o alívio com o fim do mistério. Desde o surtado das primeiras vítimas, os familiares de Luziânia, principalmente as do bairro Parque Estrela Dalva — onde moravam os adolescentes Diego Alves Rodrigues, 13 anos, Flávio Augusto dos Santos, 14, Paulo Victor Vieira de Azevedo Lima, 16, George Babo dos Santos, 17 e o jovem Márcio Luis de Souza Lo-

pes, 19 —, viviam sob angústia e medo, sem saber de onde poderia vir o perigo.

Apesar de ser a quinta maior cidade em número de habitantes de Goiás, Luziânia ainda preserva áreas e hábitos de cidade do interior, em que os vizinhos se conhecem e "batem papo na rua. E na padaria, na igreja, no bar ou no posto de gasolina, o clima era tenso das conversas da maioria dos moradores. Onde se avistava um grupo de duas ou três pessoas, a polícia de Admar de Jesus e a descoberta dos corpos eram comentadas com espanto e revolta.

Inquieto aguardando o início da transmissão do jogo em um bar próximo ao centro da cidade, seis moradores falavam sobre a "batalha". Apesar de garantirem estar tranquilos com a polícia, os amigos culpam a justiça e a polícia por terem colocado em liberdade o suspeito de positão de crimes. "Há seis famílias sofrendo por causa da legislação, que solta esse inimigo e depois ele tem que cumprir um século de pena. É um psicopata. Poderia continuar

a praticar crimes", revolta-se o bancário José Rubens Machado, 48 anos. Opinião compartilhada pela administradora Dolores da Silva, 28 anos. "Ele deveria ter ficado preso. Ele é um psicopata, tirou tudo isso com uma estratégia muito bem traçada. Ele é muito inteligente e muito cruel", afirma a jovem.

Rede

O caso chocou tanto a cidade que algumas pessoas não conseguem nem mesmo acreditar que se trate da ação de um serial killer. Amigo do pai de uma das vítimas, o agente administrativo Dídimo Rocha, 46 anos, acredita em algo mais. "Descobri que o pagaram para cometer esses crimes, para vender os órgãos ou coisas assim. Esses crimes são horrendos", lamenta Rocha, que complementa: "Não se tem mais paciência. A gente vai para Brasília e não sabe se volta. A violência está em todo lugar, e não só aqui em Luziânia."

O garçom e estudante Wellington Carvalho Pinheiro, 17 anos,

se ele aliviado, mas ainda sente alguma apreensão. "Espero que eles continuem mantendo a polícia aqui. Luziânia está muito violenta, com muitas drogas. Por ser homem e estar dentro da faixa etária das vítimas, eu ficava preocupado de sair à noite. Até adulto tinha medo, porque não sabia quem era o sequestrador. Se pelo menos a polícia tivesse agido desde os primeiros casos, poderia ter evitado a dor de muitas famílias", avalia o rapaz.

Para a enfermeira Rosa Maria da Silva, a atitude do crime não chegou a surpreender. "Sempre acho que os vizinhos tinham relação com psicopata. Foi uma falha da justiça ter soltado esse doente, mesmo com todo comportamento", reclama. A enfermeira, que trabalhou em contato com um psicopata há alguns anos, justifica: "O psicopata tem esses momentos de bom comportamento. A pessoa se expressa bem, age normalmente, e você jamais imagina que ele é psicopata ou desequilibrado. Mas é uma doença séria, e por isso ele não deveria ter sido solto."

Figura 2 – Reportagem publicada no Correio Braziliense em 12 de abril de 2010.



A humilhação pública de abusadores na mídia apenas perpetua o ódio e a concepção de que nada pode ser feito e que a população estará à mercê de pessoas como Admar de Jesus.

Apesar dos fortes indícios de que o discurso do Correio Braziliense acerca do assunto tenda para o sensacionalismo, a espetacularização dos fatos e a consequente banalização do tema, é importante ressaltarmos, entretanto, que seria precipitado generalizar as conclusões acerca da cobertura empreendida pelo veículo. Lembramos que nossa análise contemplou apenas um texto do corpus que integra a nossa pesquisa em andamento a qual, ao final, certamente, apresentará dados mais precisos, ampliando-se a possibilidade de discussão sobre o impacto junto ao imaginário social contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francis Morais de. **Resenha**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, p. 360-367, jul/dez. 2006.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. Violência física e sexual contra crianças e adolescentes**. São Paulo: Iglu, 1989.

BAHIA, Benedito Juarez. **História da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Vol. I.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

COLLARO, Antônio Celso. Projeto Gráfico. **Teoria e prática da diagramação**. São Paulo: Summus, 2000

FALEIROS, Vicente de Paula. “A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário”. In: LEAL, Maria de Fátima Pinto; CÉSAR, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Indicadores de violência intrafamiliar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes**. Brasília: CECRIA, Ministério da Justiça, CESE, 2001.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. A vontade de saber. São Paulo: Graal, 2006. (Volume 1).

JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. Jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.

MELO, José Marques de. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso**. Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2010.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

SANDERSON, Christiane. **Abuso sexual em crianças**. Fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais. São Paulo: M. Books, 2005.

SILVA, Luiz Martins da. “Imprensa e cidadania: possibilidades e contradições”. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Imprensa e poder**. Universidade de Brasília: Brasília, 2002.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004. Vol. 1.

VIVARTA, Veet. (Coord.). **O grito dos inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2003. (Série Mídia e Mobilização Social). Vol. 5.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Leitura e crítica).